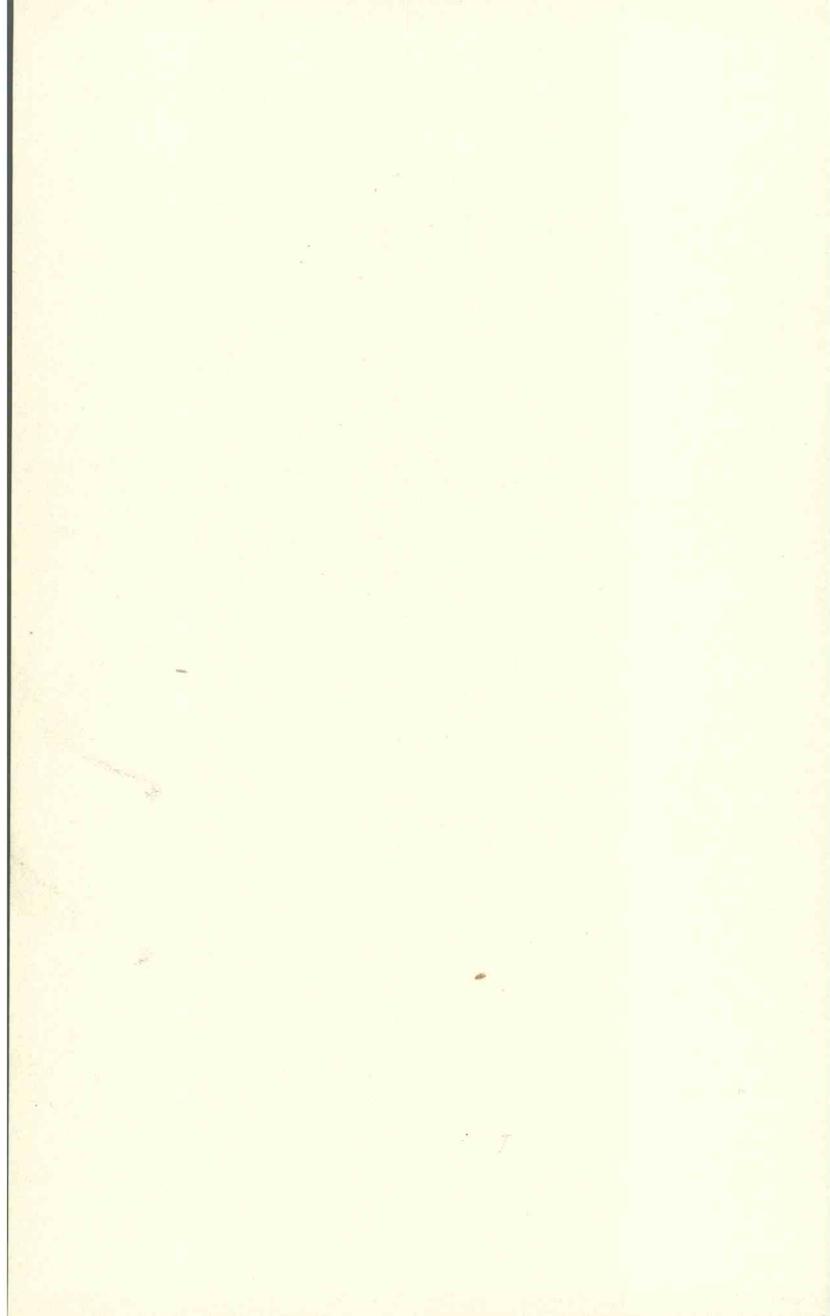




MEMÓRIA LÍQUIDA  
MAJELA COLARES

Ler *Memória líquida* é uma experiência de beber as palavras na sua pureza mais cristalina. Essas memórias, bordadas de luar, são ora paisagens esverdeando a mente, ora cânticos das flores com seus espinhos. Aqui vultos úmidos de mulheres, ali o sentimento dos animais. Abismos habitam os olhos, miragens levam Serena à outra margem. Memórias que constataam a dolorosa consciência e, acima de tudo, a ameaçadora presença humana neste astro impreciso... Memórias que são também balidos e ritmos perfeitos, cantadas na voz de um poeta elevado, com os pés imersos no rio seco das suas origens, insinuando a aspereza do vento que uiva no serrote, ou o urro sentimental de um burro. Mas voláteis memórias, pois essa voz ecoa no universo abstrato da demarcação de uma alma: a do próprio poeta. Ainda mais abstrato: o nada do Cosmos. Sereno e ardente, a observar os paradoxos do degredo e da bastardia humana que causam a perda da memória sólida, Colares encontra seu estro entre a luz e a sombra, quase como um refrão de sua irônica leveza e dor. Do poema "Um testamento do mundo" joram as memórias líquidas. É a fonte deste livro, em que a percepção da natureza e seus elementos adquire voz poética. A vida percebe a própria finitude, Deus se desencanta dos seres que criou. Nessa terra devastada a única ventura é o sonho. A memória repousa nos dicionários, tudo o que resta é a palavra. E do verbo se faz verso, cor e som, reiniciando-se assim o ciclo da consciência, de que só a Arte é capaz, quando tudo terminou. *Memória líquida* é um livro de constatações amargas sobre nós mesmos, a eterna história sem começo nem fim, porém iluminadas sob a virtude de um poeta límpido. O sonhador.

MEMÓRIA LÍQUIDA



# MEMÓRIA LÍQUIDA

Majela Colares

Rio de Janeiro  
2012



CONFRARIA DO VENTO

© 2012 Majela Colares

Coordenação editorial

*Karla Melo*

*Márcio-André*

*Ronaldo Ferrito*

*Victor Paes*

Projeto gráfico e capa

*Alemterra Graphic Designs*

Imagem da capa

*Tela de David Kroll*

Assistência de design

*Clara Grivicich*

Revisão

*Victor Paes*

Gerência comercial

*Antonio Claudio Marcondes*

---

Colares, Majela

Memória Líquida / Majela Colares

Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2012.

80 p.: 120 x 180 mm

ISBN 978-85-60676-43-9

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD: B869.1

CDU: 869.0(81)-1

---

CONFRARIA DO VENTO

Av. Treze de Maio, 13/2010

Cinelândia - Rio de Janeiro/RJ 20031-007

Telefax: (21) 2533-3587/3936-3940

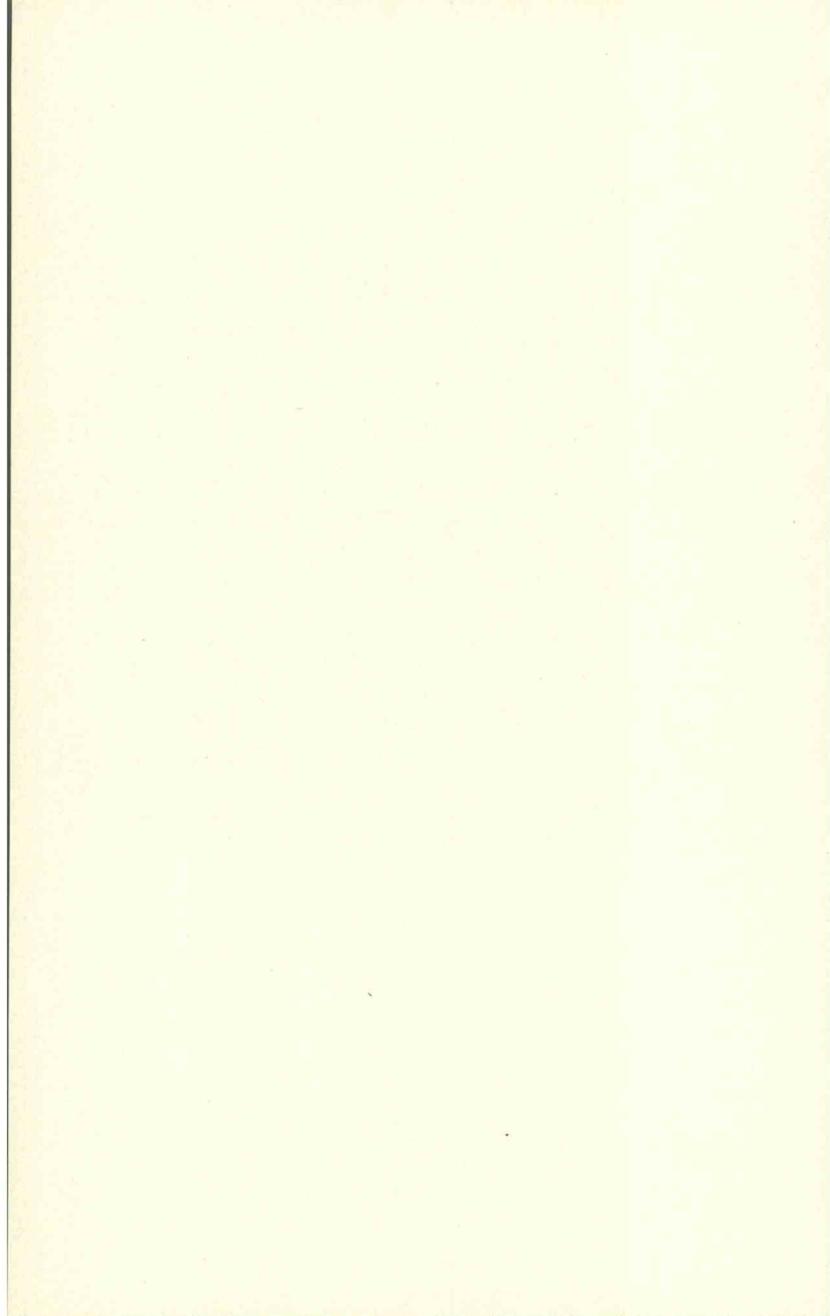
[www.confrariadovento.com](http://www.confrariadovento.com)

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

À memória dos meus avós

Francisco Joaquim Ferreira Maia e  
Adília Maia

Dalmácio Colares Vidal e  
Maria do Carmo Andrade Vidal



## CRISTALIZADOR DE CIRCUNSTÂNCIAS

André Seffrin

Em cerca de duas décadas de publicação ininterrupta, as epígrafes têm papel fundador na poesia de Majela Colares, em sua metafísica que tudo busca explicar em direção ao que ele chama de “imprevisível distância de todas as coisas”. É o que podemos chamar de *estilo majeliano*, de poeta confessional, meditativo e, sobretudo, genesíaco (“Manhã antiga”), seduzido pela magia verbal tanto quanto pelas pausas ou silêncios, como já apontou Fábio Lucas – e sem perder de vista a alta consciência formal e o diálogo constante, aberto, nada passivo, com os mestres que o antecederam. Ao evocar (em epígrafe ou no corpo do poema) Baudelaire, Eliot e mesmo Manuel Bandeira ou João Cabral de Melo Neto, é com identificação plena, como quem se aproxima de amigos para a conversa vespertina. E por vezes com uma intimidade um tanto irônica, frente à sugerida “fragmentação cósmica” que o energiza “em juízo de mim”, para, sem hesitação, criar vias de acesso – “entre o Diabo e Jesus” ou “entre o certo e o

avesso (...) a fuga e o dilema” – ao encontro da poesia, uma poesia que possa eventualmente redimir e explicar ou dar sentido às suas e às nossas procuras. Sem muito esforço, ele torna mais agudo o olhar e chega até a sugerir ou assumir uma polifonia (“Um testamento do mundo”), porém sem se afastar de certa veia lúdica e da experimentação de linguagem (“Lembranças de um e-mail”) ou mesmo da experimentação gráfica, em poema visual (“Fragmentação cósmica”). Sem esquecer o tom elegíaco, uma das mil faces do poeta. Porque “Rastro e segredo”, “Eterna aldeia” ou “Prisão do eu” são momentos extraordinários e bastante raros na poesia que se faz atualmente no Brasil. Não por acaso Alexei Bueno, em *Uma história da poesia brasileira* (2007), apontou em Majela Colares certa proximidade com a poesia pura, e não há dúvida de que nela ele alcança aquela expressão elevada e rara que marca grande parte da produção brasileira no gênero – de Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, Dante Milano, Lila Ripoll, Helena Kolody, Walmir Ayala, Celina Ferreira, Alberto da Costa e Silva, Ivan Junqueira, Jorge Tufic ou Francisco Marcelo Cabral –, para quem os desígnios humanos só se revelam de passagem e, entre ser e não ser, o poeta é riscador de milagres lá onde “a vida é mistério... é flor e espinho...”, a guardar/lembrar um tempo de “presságios que o mundo arou na ampulheta”.

Contudo, do experimentalismo de *O soldador de palavras* (1997) ao, digamos, abstracionismo de *A linha*

*extrema* (1999), Majela Colares testou seus limites no curso do que tivemos de melhor no Modernismo. E em *Memória líquida* – assim como em livro anterior, *Quadrante lunar* (2005) – ele se revela um cristalizador de circunstâncias, e nessa hora sua religiosidade é pagã, um pouco ao modo de Manuel Bandeira. Mais: no gosto pelos opostos, em “Juízo de mim”, poema-pórtico, poderá emparelhar, e não apenas em nível de qualidade, com o famoso “Traduzir-se” de Ferreira Gullar, no campo magnético em que um poeta está preso a outro em progressão infinita (como planetas no espaço), uma vez que todos os poemas já teriam sido escritos e resta aos poetas reescrevê-los com mais ou menos talento – ou juízo?

Por isso, “Juízo de mim” dá a medida dessa espiral (“Orgia de cores”) inscrita em “memória líquida”, como se um poema prosseguisse no outro, elo de corrente, sequência fechada/aberta (cadência?) que liga o canto de um galo a outro galo (“Paisagem de galos”) na teia tênue da manhã, nesse xadrez de estrelas que é a poesia de ontem e de hoje, nos longes daquelas “paisagens da alma” que Raul de Leoni anteviu e cantou um pouco antes do Modernismo. Mas o viés elegíaco ou genesíaco, apesar de forte em Majela Colares, não estanca nele outras sendas e minerações do eu, tão características de sua poética. Seus mananciais guardam outros segredos de invenção ou misteriosos jogos verbais que se misturam em cores,

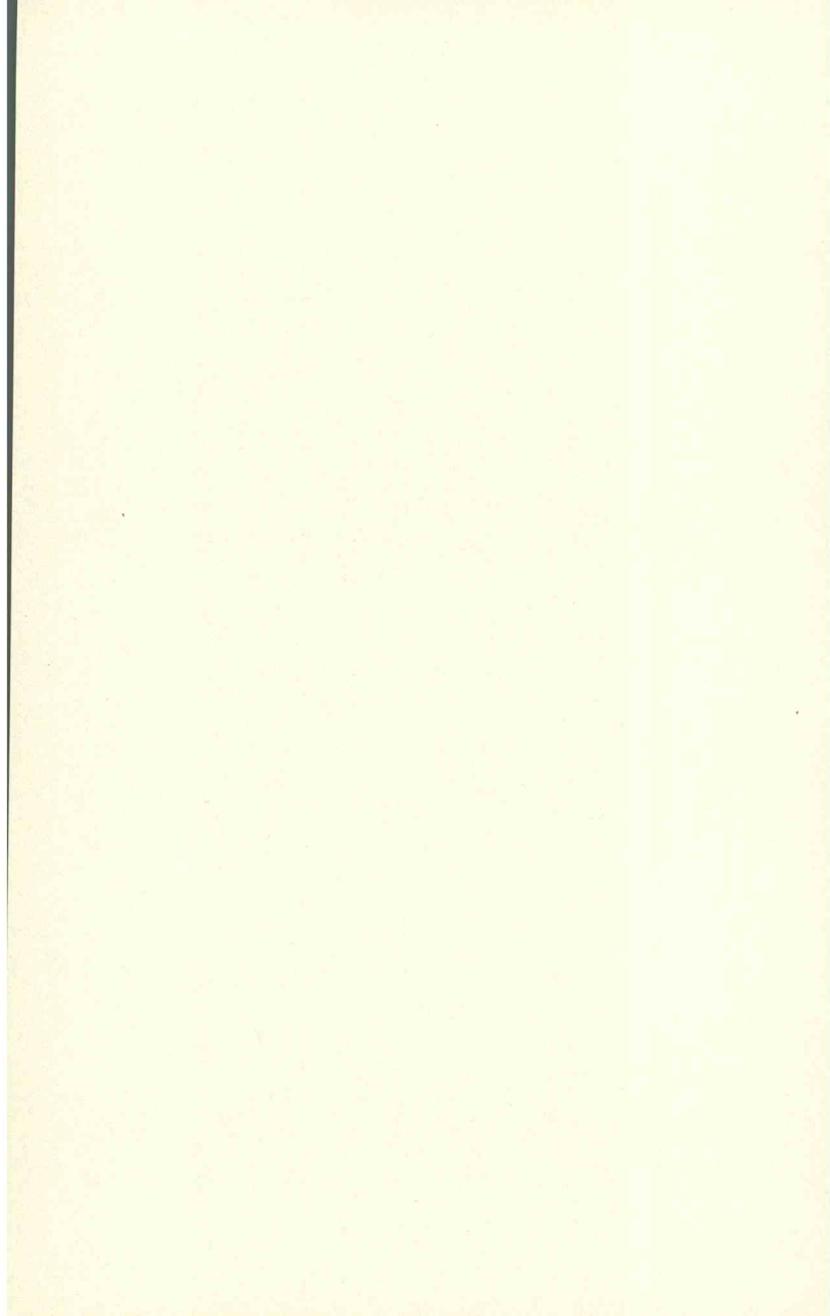
luzes e lugares e que a “fúria do olhar, na ponta do dedo” encontra, diante de um “sol que nunca – em tempo algum – vai definhar”, e se prolonga em silêncio branco ou devaneio sagrado.

Tanto que Majela Colares trabalha sua máquina de palavras e imagens num incessante *ser e cismar*. É o que o move e modula a caminho de uma gnose. Na visualidade ou cadência rítmica de cada poema ou na fluidez de cada verso, sejam eles metrificados ou livres, acaba sempre encontrando a intensidade e a inflexão necessárias para os altos e velozes voos que realiza. Trata-se de um grande poeta, e de fato muito pouco acomodado a fórmulas ou receitas. Um grande poeta que se redescobre diferente e múltiplo a cada novo verso, poema ou livro.

#### NOTA PRÉVIA

Ao longo dos poemas que compõem este livro, ocorrem cinco menções a telas de Vicente do Rego Monteiro (1899-1970), uma homenagem que o autor fez ao artista, por ocasião dos quarenta anos de sua morte.

M. C.

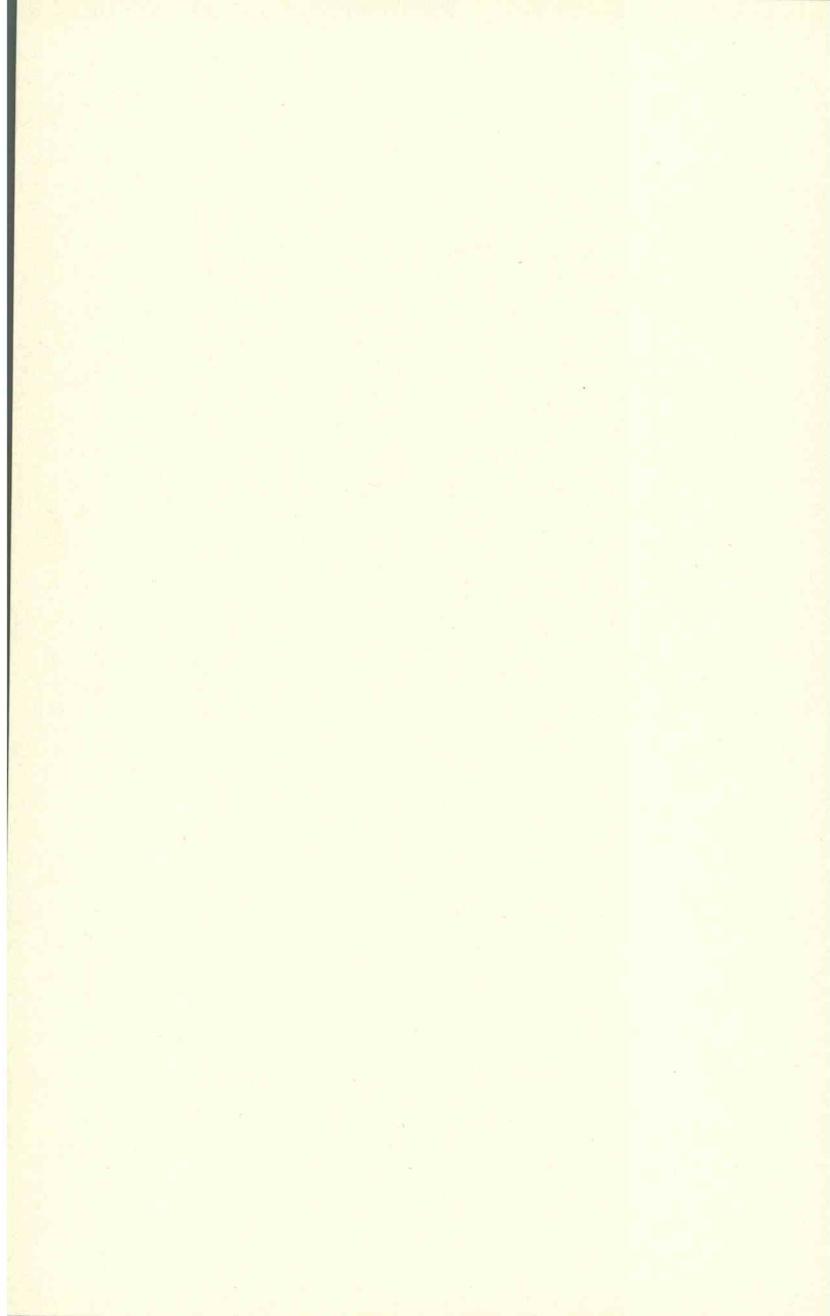


*À parte as águas de um córrego contavam a eterna  
história sem começo nem fim.*

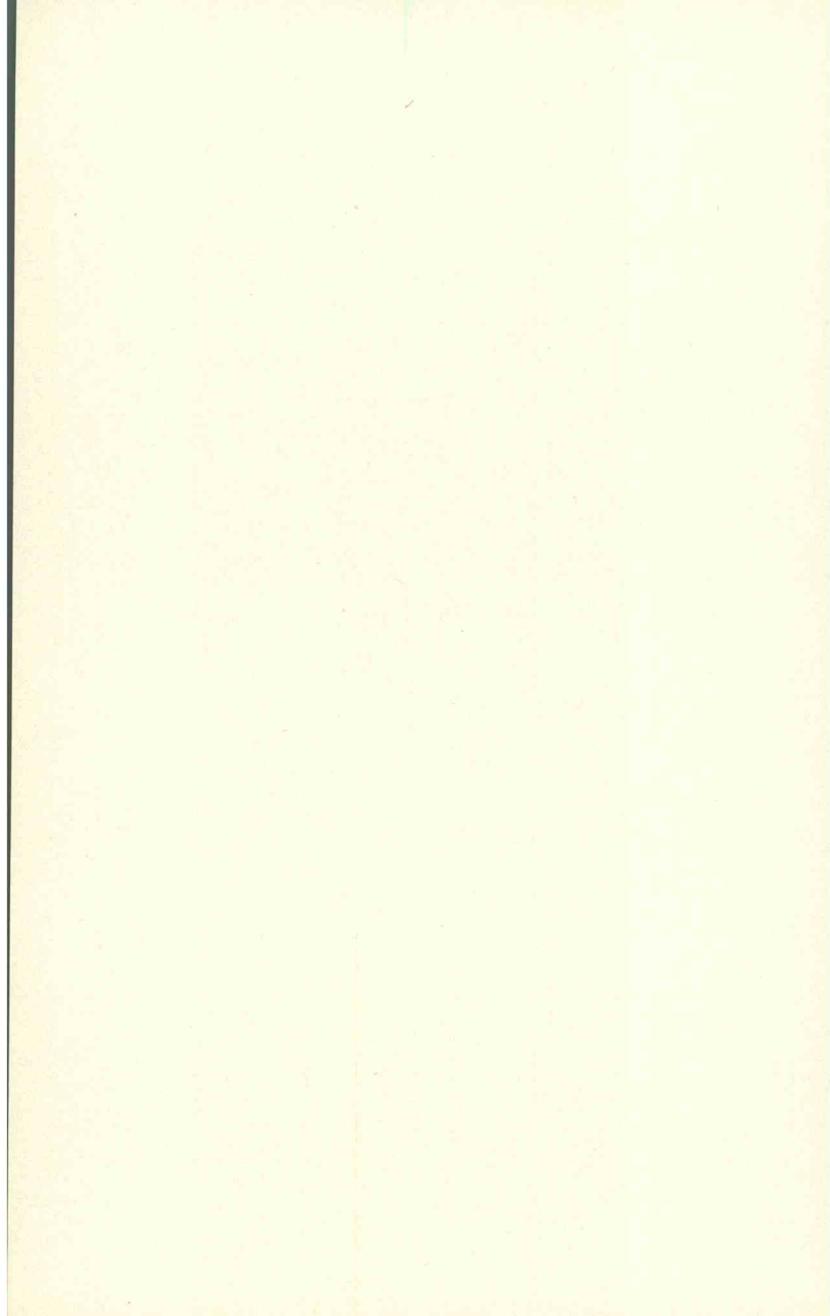
Manuel Bandeira

*A terra era sem forma e vazia;  
e havia trevas sobre a face do abismo,  
mas o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas.*

Gênesis, 1:2



MEMÓRIA LÍQUIDA



## JUÍZO DE MIM

Entre o Diabo e Jesus

lá vem

meu juízo

na sombra... na luz

entre o choro e a graça

lá vem

meu juízo

memória que passa

entre o céu e a terra

lá vem

meu juízo

... em Hamlet se encerra?

entre o fraco e o forte

lá vem

meu juízo

brincando de morte

entre os meus e os seus  
lá vem

meu juízo  
pensando que é Deus

entre o certo e o avesso  
lá vem

meu juízo  
sem fim nem começo

entre a fuga e o dilema  
chegou

meu juízo  
... ninando um poema

## MANHÃ ANTIGA

Antes de qualquer luz, de qualquer sombra  
corria o tempo  
solto  
solto  
margeando o caos que beirava a sombra  
delineando o caos que circundava a luz

alguma força conspirava a origem...

no tempo – um risco – quebra a imagem única  
surge a primeira manhã em infinitas imagens  
definidas, indefinidas, múltiplas  
o ruído  
a ideia  
a sombra

antiga manhã primeira

movem-se bilhões de galáxias  
move-se esse instante... agora

o silêncio  
a palavra  
a luz

a manhã antiga

em sua penumbra... em suas cores  
confina-se a imprevisível distância de todas as coisas  
a impressionante distância, indiferente  
entre um sorriso vazio e irônico  
e o derradeiro suspiro de um coração que finda

distante?  
próximo?

no breve retorno  
ao ruído  
à ideia  
à palavra  
ao silêncio

da primeira manhã antiga e sempre

## RASTRO E SEGREDO

Deixo na argila meu segredo  
e rastro  
sob um céu cor azul-pupila  
nesse caminho fingirei  
meu norte...  
e sei que a leste o futuro é certo

mas vou para oeste em desafio a mim  
busco a memória que me vem de longe  
talvez em vão  
muito tentarei  
ainda que fique nada mais além  
do que, sem mágoas, meu olhar na areia

não quero apenas viver em descanso  
se à minha frente  
há sorriso e dor  
quero a lâmina fustigando o peito  
e que meu corpo num ranger de vértebras  
dance canções em louvor à vida  
sob um céu cor azul-pupila  
minha memória a segredar meu rastro

## ETERNA ALDEIA

*Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...  
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer*

Fernando Pessoa

Foi de lá que vim  
é pra lá que vou  
... minha aldeia

e quando

o barro  
a brisa  
o bocejo

silenciarem  
os últimos instantes  
do espectro que um dia serei  
virá  
a alegria e a saudade  
da vida que foi boa...

terei, por fim  
uma louvação

sublime  
natural  
e livre  
em um ininterrupto coro  
de balidos  
de cabras e de ovelhas...

serei, então, ungido poeta

## PAISAGEM DE GALOS

Um galo... a sombra de um galo  
madrugadas acesas em cores  
contidas nas imagens da noite  
que guardam lendas antigas

o canto dos galos...  
ilumina as retinas da noite  
que aninham mundos  
demônios e deuses

na garganta...

aldeias remotas  
cantigas futuras  
cantigas passadas  
longínquas, longínquas

as auroras dos galos  
refletem todo o universo em fuga  
que nasce e morre

na infinitude concisa  
de uma noite em outra noite  
de um galo em outro galo

## MEMÓRIA LÍQUIDA

Da memória da água rasa  
que habita  
em  
meu quintal  
nada sei

do universo  
a q u á t i c o  
líquido  
sólido  
vaporoso  
em muitos sóis transpirando  
mistérios  
em seus  
confins  
nada sei

– saberemos depois!  
muito depois...  
antes de o Cosmos hibernar

## UM MOMENTO QUE SEMPRE HÁ DE SER

*Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.*

Carlos Drummond de Andrade

Na latitude do quarto permaneço insone, latente  
o sol acaricia a cortina

(trouxe a manhã no ventre)

posiciono meu cérebro em linha tangencial ao

[infinito da janela

a palmo e meio do piso

do lado direito Baudelaire

do lado esquerdo Eliot

sobre meu peito o evangelho lucasiano, em vigília

na curvatura dos olhos, além dos cílios

Luz

Luz

que resplandece da imagem emoldurada que agita e

[serena

meu pensamento longe, longe

miro a estante...

Enfermaria nº 6

lança-me em uma inércia pálida de loucura

meu pensamento retratado insufla ondas

verdes

verdes

verdes

que penetram por minhas narinas e aquecem meu

[sangue morno

percorrendo veia por veia, artéria por artéria

feito um filete esverdeado

que adormece meu coração, em uma penumbra azul...

[de luzazul

este sol dourado que surge e se esconde

na tristeza de minhas retinas

à noite vem incendiar meus sonhos...

aquece a minha face com seus dedos longos e macios

em sua meiguice de estrela...

esvoaçantes seus cabelos, aos desejos da brisa

lábios incandescentes em brumas e cheiro de camomila

pupilas, ametistas polidas

é um sol que nunca – em tempo algum – vai definir

estará sempre no mar, na grama, na varanda, no ar,

[nas flores

nas areias de uma praia exótica, distante, sorridente  
ao anoitecer, contando estrelas

estará sempre no sorriso, nas lágrimas...

este sol é a luz azul... azul de um momento que sempre  
[há de ser

## UM TESTAMENTO DO MUNDO

*A poeira entre os raios de sol e a memória nos cantos  
Aguardam o vento que esfria rumo à terra morta.*

T. S. Eliot

1

Um verde antigo nos seduz agora  
quando de cinza se tisnam instantes  
folhas em fuga, se sabe, distantes  
vagando soltas pelo mundo afora

folhas ao vento – de um outono – errantes  
veredas tardias... pó sem retorno  
seguindo gestos de sinais mutantes

ameaça certa a vagar em torno...  
males de outrora que sopram rumores  
– tremem espinhos, raízes e flores –  
reverso do inverso... borda e contorno

a voz do universo... cisma de dores  
vem sobre o homem, (ainda é segredo?)  
o Cosmos refina... luzes e cores

na fúria do olhar, na ponta do dedo...  
se alarma frequente a voz do universo  
vindo de longe nas ondas de um verso  
que canta e escuta os sons do degredo

outono, verão, primavera, inverno...  
assola o planeta um outono infindo  
que Dante diria: “estamos no inferno!”

2

Trago lembranças antigas  
de sabiás e palmeiras  
laranjais e bananeiras  
campos, flores e cantigas

índio brindando cauim  
florestas virgens imensas  
Pajés divinos e crenças  
Cacique audaz, curumim

restou somente memória  
escritos em verso e prosa...  
a mata verde e airosa  
virou lenda nessa história

tudo está no imaginário  
mata virgem e floresta  
disso tudo o que nos resta  
repousa em dicionário

o mundo hoje é fumaça  
de veneno em combustão  
homens loucos sem razão  
a conspirar triste farsa

sou poeta e penso inverso  
*verde que te quiero verde*<sup>1</sup>  
a lua borda a parede  
com o verde do meu verso

que foi verde no passado  
e verde sim, no presente  
trago livre em minha mente  
um cérebro esverdeado

Nunca no tempo me senti perdido  
sem saber meu rumo... o caminho certo  
como folha murcha a brincar de outono  
e os olhos secos a só ver deserto

nas palavras febre e na brisa sede  
que me faz triste, neutro, indiferente  
busco uma saída, uma luz acesa  
só encontro fuga, um futuro ausente

até quando, Deus, vou viver assim?  
Este tempo cinza, esta idade louca  
trago às mãos ternura e no olhar abismo  
só silêncio sei, trago em minha boca

gaivotas no céu não flutuam mais  
já não sei dos mares, rios e matas  
sei que geleiras aos poucos derretem...  
e as borboletas que me eram fartas?

É como se a vida chegasse ao fim  
nada restasse na terra... só dor  
escrevo estes versos, penso no húmus  
na sã consciência grávida de amor

Saí das margens do mundo  
buscando mundos sonhados  
ao sopro da vela acesa  
com amanhã enfunados

se navegar é preciso  
preciso foi navegar  
no rumo do sol poente...  
aventuras de além-mar

me contive em calmarias  
à noite rompi procelas  
à frente apenas o longe...  
a sorte soprando as velas

as estrelas como guia  
o mar um sonho sem muro  
a esperança nos olhos  
na mente um porto seguro

cheguei, faz tempo, cheguei  
sol e mar... e céu profundo  
era o destino do homem  
desenhar um novo mundo

hoje o rumo são estrelas  
entre espaços desmedidos  
se prossegue a aventura  
por mares desconhecidos

é o domínio do espaço  
combustível... combustão  
novo mundo está por vir  
pra palma da nossa mão

caravelas foram naves  
naves hoje sim... não finda  
firmamento feito mares  
Columbia, Colombo ainda

o homem pensando além  
continua a busca insana...  
um sonho... saga e delírio  
ventura da raça humana

5

Cabeleira em neve... sou o Everest  
e cá do meu cimo olho o mundo e avisto  
no norte, no sul, no leste, no oeste  
observo o homem... de sonhar desisto!

Já vi, de um lírio, roubarem-lhe a veste  
a um beija-flor ser o pólen negado  
e de forma brusca extinguir cipreste  
um canto infenso – por Deus! imolado

de homens vi gestos que sofri pasmado  
o sangue escorrer da boca vencida  
caído por terra, um sonho acabado  
de uma mente louca, há muito esquecida

\*\*\*

Por ocupar-me a ninar um peixinho...  
(de olhar profundo, me dizem romântico)  
calmo e silente suplico carinho  
ninguém imagina! Sou o Atlântico!

Sou confluyente: o Amazonas e o Minho...  
lançam suas mágoas no meu infinito...  
que ondeia a vagar por longo caminho  
meu franco protesto – na água – tá escrito

no meu vai e vem, na areia me aninho  
levo nos lábios meu antigo cântico  
a vida é mistério... é flor e espinho...  
de quem não se espera um golpe tirânico?

\*\*\*

“É nada além de contrastes... tormentos  
um mar de areia, o sol rente à cara.”  
– Rude engano! Sou vitais sentimentos...  
sou um deserto! – Mas sou o Saara

sei de camelos, do rosar de ventos  
há milênios bailando... em torvelinos  
sempre a entender sorrisos, lamentos...  
da lenda ancestral de heróis beduínos

vivo meus sonhos e todos... momentos  
a vida é incerta... a Deus tá entregue  
da areia emergem meus pensamentos  
ao som dum *imzads*... amor tuaregue

\*\*\*

Salto dos Andes num rumo já certo  
e certa é a graça: – imenso Amazonas!  
Trago nas águas, no peito eu aperto  
o canto e a dor de lindas madonas

o Atlântico me ergue, ao céu chego perto  
me lanço em seu ventre, luz infinita...

lendas... Iaras... feliz o oferto  
um gesto de amor, paixão indescrita

é chegado o tempo... sombras do incerto  
sou pão – eu sou vida – ovo e gameta  
que fluem da terra; ao futuro alerta...  
presságios que o mundo arou na ampulheta

1 Verso de Garcia Lorca

## SILÊNCIO INFINITO

a Fábio Lucas

A nuvem alumbrou-se; de repente  
caiu chuva... coriscos e trovões  
a manhã inundou o chão ardente  
– triste cinza de fogo dos verões

o universo engravida uma semente  
mistério que vem feito um sol nascente

água fértil e terra em pleno cio  
num beijo prolongado e convergente...  
– a babugem... do chão foi-se o estio  
verde gozo, fez-se vida confluyente

o universo engravida uma semente  
mistério confinado em nossa mente

é que Deus tá no som do assobio  
que ainda se expande no infinito  
fecundando o espaço inda vazio...  
e hiberna este orgasmo, em luz, contrito

o universo engravida uma semente  
mistério de um além que a luz presente

## ORGIA DE CORES

Eu sei das tintas copulando cores  
pra dar ao mundo fantasia e fuga  
a vida chega... ocultando a face  
entre orifícios de um rabisco mudo

o dia branco se espreguiça ao vento  
e se enlouquece pelo azul libido  
que de mãos soltas vinha saltitante  
querendo um beijo do vermelho sangue

o carmim fosco nem sequer se mexe  
ao ver o cinza remexendo os ombros...  
estava de olho no amarelo virgem  
que se exibía com sapatos verdes

o lilás chega salpicante em rosa  
querendo todas que estivessem livres...  
e o escarlata salta no seu colo  
e se misturam num abraço ardente

abre-se a porta, entra o preto em negro  
um só suspiro sai dos lábios trêmulos  
todas, enfim, desejavam a noite...  
menos o branco relaxado ao vento

## LEMBRANÇAS DE UM E-MAIL

a Breno Colares

Esperiei... dia todo seu instante  
confirmando um Ok, no bar, às onze!  
nove, cinco, dez horas, nada enfim

deletara, na esquina, meu e-mail

– hj ainda na balada pego outra!  
... sei de cor alguns versos de Pessoa!  
mais um gole, um poema... muitos goles

noutro bar, entre beijos, viro a noite

e vc que aguardei o dia inteiro  
já não lembro onde a vi e qdo... acaso

no facebook, num bar ou na esquina...  
da agenda internaútica já risquei

## REVERÊNCIA A UM MORTO

a Pedro Salgueiro

Agora resta um suspiro  
pelo espaço voando  
em busca de alguma estrela  
ou restos de um outro canto

ficou também uma ideia  
que o mundo não quis ouvir  
guardada apenas no cérebro  
do homem sem pulso e frio

a náusea do olhar morto  
guardou a voz do inimigo...  
e em cada som resmunguento  
penumbras que hão de vir

não levou glória ou patente  
o homem de rijos ombros  
só a leveza do nada  
e a sina do esquecimento

foi compor o infinito  
das coisas que não se pensa  
será que existe algum fim  
pra este morto... será?

será que alguma estrela  
em segredo, comedida  
resguardará deste homem  
ao menos o seu suspiro?

e o levará pela mão  
e o deitará num divã...  
a decifrar seus lamentos  
do seu passado esquecido

## PALAVRAS DE UM RIO

Dentro de mim ainda dorme um canto  
alguma força que guardei da fúria

e no meu ventre se resguarda o cio...

mas vem a morte disfarçada em homem  
que me instiga a responder com mágoa:

– dentro de mim ainda pulsa um rio

## OFERENDA

a Alexei Bueno

Eu que nasci nos confins do universo  
filho da terra, do nada e do vento  
refaço meu canto ao som do momento  
que no passado era a voz do inverso

estou no espaço que vem do futuro  
em busca da vida agora presente  
um raio de sol seduz minha mente  
quando adormece na sombra do escuro

estrelas antigas, sóis e cometas  
seguem meu rumo em busca do além  
ideias sem fim que vão e que vêm  
bailando no ar... feito borboletas

o sonho que penso, eu sei, é incerto  
o instante é que marca, altera e define...  
quero que o tempo comigo se afine  
e eu cante meu canto que ao mundo oferto

## PALAVRAS DE UMA ÁRVORE

Acordei – madrugada – já ferida  
com um braço, sem alma, me abatendo

presenti meu futuro: a dor do corte

a chorar, debruçada sobre o caule  
meus frutos, minhas flores, rama e sombra...

nos ecos do silêncio eu vi a morte

## SILÊNCIO BRANCO

a Gisela Abad

O tempo haverá de emergir, haverá de passar  
discreto, sonolento  
deixando, sem maldade, suas pegadas  
na brancura imaculada da pele  
que reveste estes poemas

primeiramente ficarão sinais de olhos  
ao cruzarem com o branco relevo  
exposto em alguma estante...  
sobre uma mesa num centro de sala  
ou  
na vastidão de alguma livraria, perdido

haverão de ficar as marcas da fricção  
de um livro em outro livro  
de  
um risco de grafite  
um pingo de café, no chá das cinco  
um chega pra lá num cisco

um inseto menos tímido  
um sorriso sincero de encantamento

tudo, tudo  
deixará seus rastros induzido pelo tempo  
discretamente

ficarão, também, sombras de iras e de más palavras  
das línguas discordantes

o tempo não se altera...  
segue manso a sua linha de constância môngica

por fim, saltarão os poemas para além das páginas...  
impregnam-se na brancura, levados à ponta de dedos  
em todas as formas estéticas de poesia

a obra, em definitivo, está acabada, definida...  
para sempre o tempo assume suas cores

## FRAGMENTAÇÃO CÓSMICA

Meus olhos – de camaleão – giram em torno  
de todo o universo possível...

atêm-se, um pouco, imaginando as Três-Marias  
piscam para o Sete-Estrela

– alta noite!

Súbito – feito um redemoinho astral – rumam para a

*o c*  
*n n A e*  
*s d a d d*  
*t r ô m e o*  
*e l a ç ã*

misteriosamente sugados por seu olhar nevoento

pensei...

– nunca deixaremos de ser pó!



a gotícula transparente de orvalho?

num lapso

avistei uma forma humana...  
que manuseava entre os dedos  
um arco-íris  
surgido da confluência  
da memória e imaginação do homem  
e da gota incolor e límpida de orvalho

o tempo permaneceu apático  
de repente choveu turvo, turvo, de repente

## PRISÃO DO EU

Mergulhei fundo no meu corpo estranho  
pus frente a frente o olhar e o olho  
e minhas barbas, quase pus de molho

ao ver de perto meu pensar tacanho

pelo orifício rude de um ferrolho  
vi meus neurônios... vi meus rins e o baço  
quase meu sonho foi-se pelo espaço

ao se avistarem o olhar e o olho

e cada órgão eu marquei com um traço  
pra todos verem que mantive a calma...  
só não marquei nesse mergulho a alma

por já trazê-la presa em meu cadarço

## HOMEM OCO

a Janilto Andrade

Sob a vigília de um olhar de sono  
dias escorrem entre sombra e luz  
poucos percebem que na vista pouca  
nem luz, nem sombra deixam marcas sempre

as horas voam feito borboletas  
pelas manhãs de um amanhã sem busca  
vão entre flores e espinhos densos...

um olhar murcho pensa outros futuros  
que se molduram entre as mãos e os dentes  
de um homem surdo, oco, cego e rude  
que na memória já não guarda um tempo

## MINHA LENDA

Tisnam o ar – a poeira e o enxofre –  
invadem os poros, a carne, o sangue

inundam a água ébria que escorre  
na boca amarga, enorme do homem

turvas palavras assombram os céus  
saltando do homem, da boca enorme

é dia, é noite... em olhos de breu  
incerto amanhã na mente que sofre

desce o futuro veloz, busca o ventre...  
último sopro de vida que resta

ressurge a morte nas dobras do vento  
passado e presente... tempo deserto

dormi e sonhei, vi isto, sim, vil  
a minha retina agora e pra sempre

não vai esquecer a imagem de mim  
perdido entre cinzas – sol já poente...

um gesto surgiu em meio à poeira  
em forma de mão, o gesto me acena

segui o sinal – quem sabe – pensei  
a última flor, talvez, dessa lenda

## CANTIGA PARA UM FUTURO

a Marco Lucchesi

Um vento passou silente  
– raro cheiro de jasmim  
falou baixinho pra mim  
de um futuro que presente

um futuro do futuro  
que traz na voz esperança  
um futuro inda criança  
de sorriso já maduro

que lembra a flauta de Pã...  
um canto que já se ouvira  
dedilhando em sua lira  
um amanhã de amanhã

virá num raio de aurora  
nas mãos de homens humanos  
cavaleiros e arcanos  
um mundo que é sonho agora

este futuro há de ser  
a tua essência num gesto  
a vida num manifesto...  
o amor que o mundo há de ter

## SONHO ANTIGO

ao Padre Pitombeira

Nos encontramos, enfim, não dispersos  
por amor e querência desta vida...

nesta luz, que me envolve, está contida  
a verdade que Deus me diz em versos

tão profunda pensei e concebida  
feito luz, clareando corpo e mente

que elevada a um plano congruente  
era amor e ternura revivida

mas o mundo se alterna em regras vãs  
que segregam amores e amanhãs

limitando o que brota à flor da pele  
é tudo que maldigo e, sim, condeno

essas vãs convenções – mundo pequeno  
faz com que o meu sonho se rebele...

deste mundo esperei uma Canaã  
não me veio algo além de um caos terreno

MULHER, SEMPRE...

*Para mi corazón basta tu pecho  
para libertad bastan mis alas.  
Desde mi boca llegará hastas el cielo  
lo que estaba dormindo sobre tu alma.*

Pablo Neruda

Teu gosto é de framboesa  
o teu cheiro é de jardim  
cheiro e gosto estão em mim  
feito chama intensa, acesa

de alegria... de tristeza  
nunca, nunca terá fim  
será sempre, sempre assim  
Deus é Deus... você é deusa

Deus é Deus... você é deusa  
e desenha o meu destino  
eu sou homem, sou menino  
a esculpir tua beleza

sonho no qual me confino  
por instinto, com leveza  
mas você sempre é surpresa  
com teu olhar de felino

teu sabor de framboesa  
que me encanta... é divino  
em meu sonho feminino:  
Deus é Deus... você é deusa

SERENA MARIA

*Olhou a caatinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer...*

Graciliano Ramos

1

Enfim, vi ontem, Serena  
na terra  
    dos que têm fé  
parava  
    saltava  
        andava  
pisando a sombra do pé  
  
o sol amornava o dia  
    sombra aqui...  
        sombras além  
o seu vulto  
    umedecido  
seria sombra também?

sublime se foi Serena  
sendo ela  
quase imagem  
levando  
nas mãos  
meiguice  
nos olhos sonho e miragem

2

Seu marido bravo e forte  
de seca  
morreu aos trinta  
em seu  
destino  
de ocasos  
parco sangue, pouca tinta  
a pele de sol...curtida  
pele seca  
sol poente  
bem pior  
que a vida breve  
é morrer como não gente  
melhor, talvez, ser ninguém  
que nascer  
feito dilema:

de ser gente  
em traço  
e forma...  
Serena! Por que Serena?

3

Sua prole... inda resiste  
no tempo  
a sina  
do  
instante  
pervagando  
nos confins...  
seguindo o pé retirante  
  
do rio desceu a margem  
(terceira  
margem  
agourenta)  
seguindo  
a voz  
das veredas  
a vista magra e cinzenta  
  
muitos chegaram ao mar  
(a margem  
além do rio)

restou  
dos tristes  
caminhos  
vida e morte por um fio

4

Tudo ficou como antes  
barraco  
rancho  
favela...  
sertão/mar  
e  
mar/sertão...  
Serena! Serena, aquela

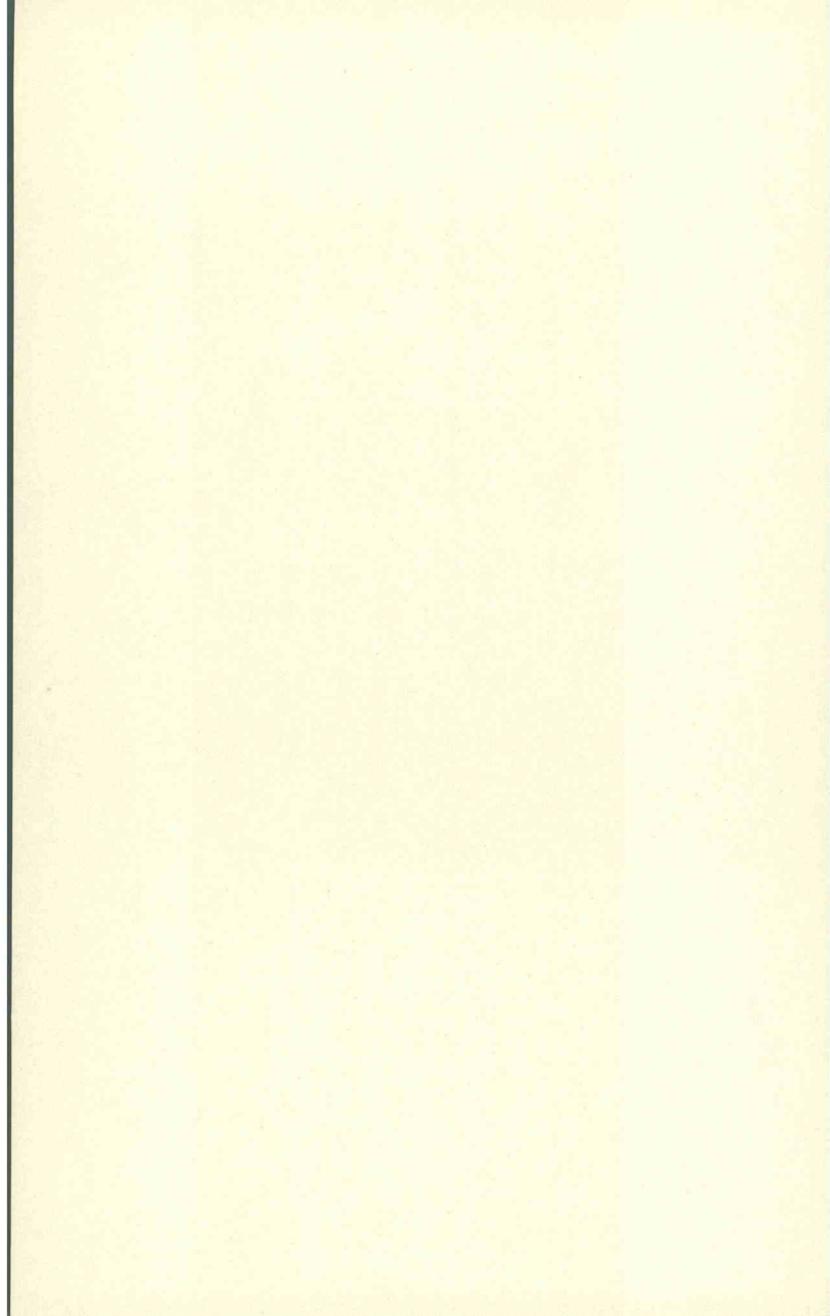
tudo ficou como antes  
homem  
fantasma  
ilusão

mar/sertão  
e  
sertão/mar  
Serena! Serena, não!

tudo ficou como antes  
perdura o  
mesmo dilema:

gente em  
traço  
forma e  
gesto  
Serena! Por que Serena?

LEITURA DE CINCO TELAS DE  
VICENTE DO REGO MONTEIRO



## FORÇA RUDE

Tela *A força*

O olhar, já rendido, à força rude  
questiona, entre urros, o infinito:

pode o homem louvar tal atitude?

Na tela, camuflado, rosna um mito  
imolado, entre gorros, o segredo!

De homem para homem é o conflito

retratado, no traço, em cada dedo;  
o boi – que é símbolo – sai de cena

o Homem? O animal que nos faz medo.

## CHEIRO DE ENGENHO

*Tela Homem com burrico carregando cana*

a Karla Melo

Vão longe Zé, a vereda e o cambito  
que passaram com cheiro de engenho

transmudando o arreio infinito

tatuado nos traços do desenho...  
entre o homem, a cana e o jerico

indelével se amolda a cor do lenho...

vileza disfarçada... um olho rico  
manipula pobre homem assustado

com o fado ancestral de ser burrico

## PERA, UVA, BANANA

*Tela O vendedor de frutas*

– Pera, uva, banana! – Seu destino...  
este homem vende, assim, o seu futuro

traz nos lábios um canto peregrino

com cheiro de cajá fresco, maduro  
em seus passos azuis desce apressado

tateando uma luz no chão escuro

do silêncio marrom já desbotado

– Uva, pera, banana! – Vai sem rumo...

este homem sem presente e sem passado

## DEVANEIO SAGRADO

Tela *A mulher sentada*

Nas curvas da mulher um serpenteio  
embeleza o olhar do mundo à frente

que, sereno, se põe em devaneio...

o eterno segredo amolda e sente  
aventuras sagradas, paradoxas

reveladas nas linhas de Vicente...

e no Éden, rabiscado... maçãs roxas  
a fruta que divina, Deus consagra

na mulher, sublimada, entre as coxas

## AMOR NATURAL

*Tela Rapto de Europa*

a Geraldo Falcão

Este olhar sensual que o boi transpira  
e se expande em seu corpo... casco e pele

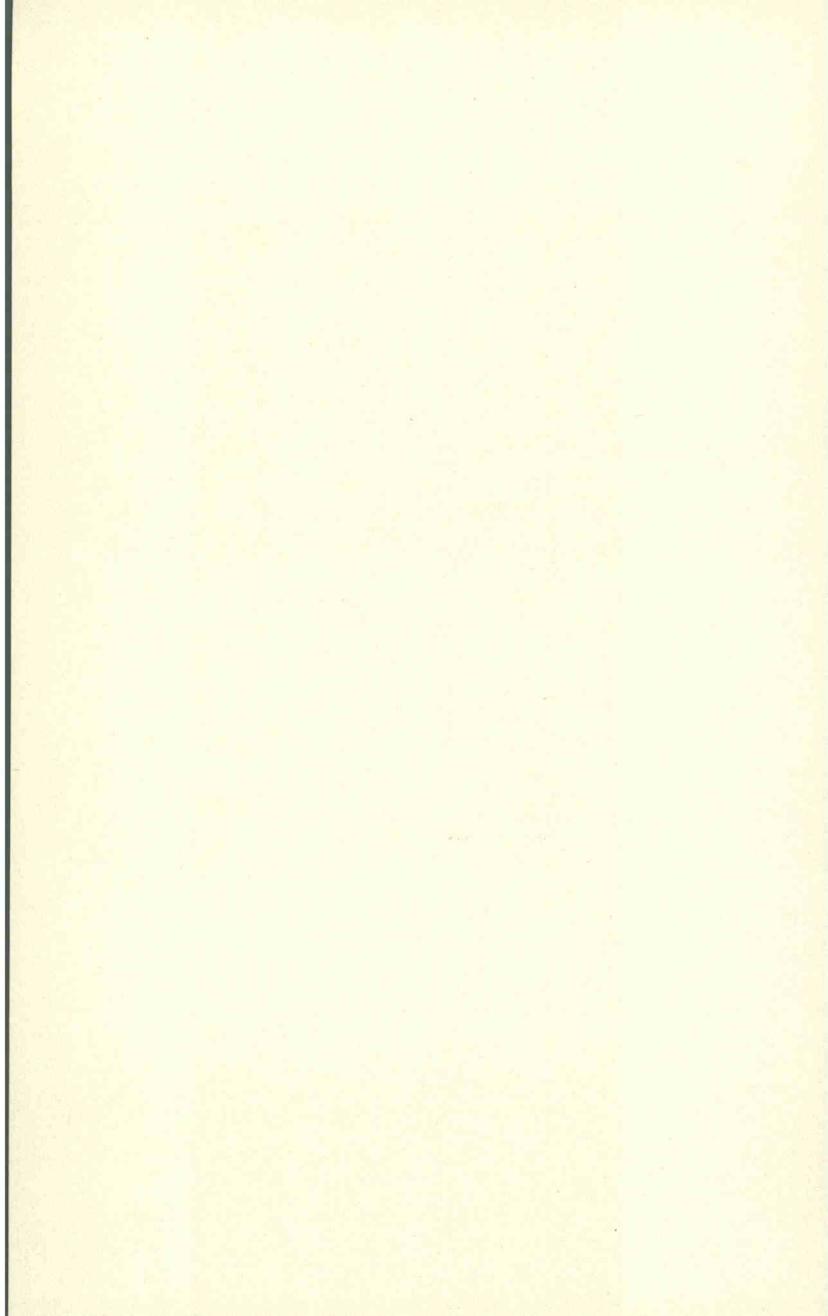
vai além do mugido, feito lira

muito além da razão... que se rebele  
mas sereno entre os seios da menina

este olhar – é possível – se revele

como amor natural que sonhos nina  
entre a mão e um suspiro inocente...

que nas curvas da moça se confina



## SUMÁRIO

Cristalizador de Circunstâncias, André Seffrin, 7

### MEMÓRIA LÍQUIDA

Juízo de mim, 17

Manhã antiga, 19

Rastro e segredo, 21

Eterna aldeia, 22

Paisagem de galos, 24

Memória líquida, 26

Um momento que sempre há de ser, 27

Um testamento do mundo, 30

Silêncio infinito, 39

Orgia de cores, 41

Lembranças de um e-mail, 42

Reverência a um morto, 43

Palavras de um rio, 45

Oferenda, 46

Palavras de uma árvore, 47

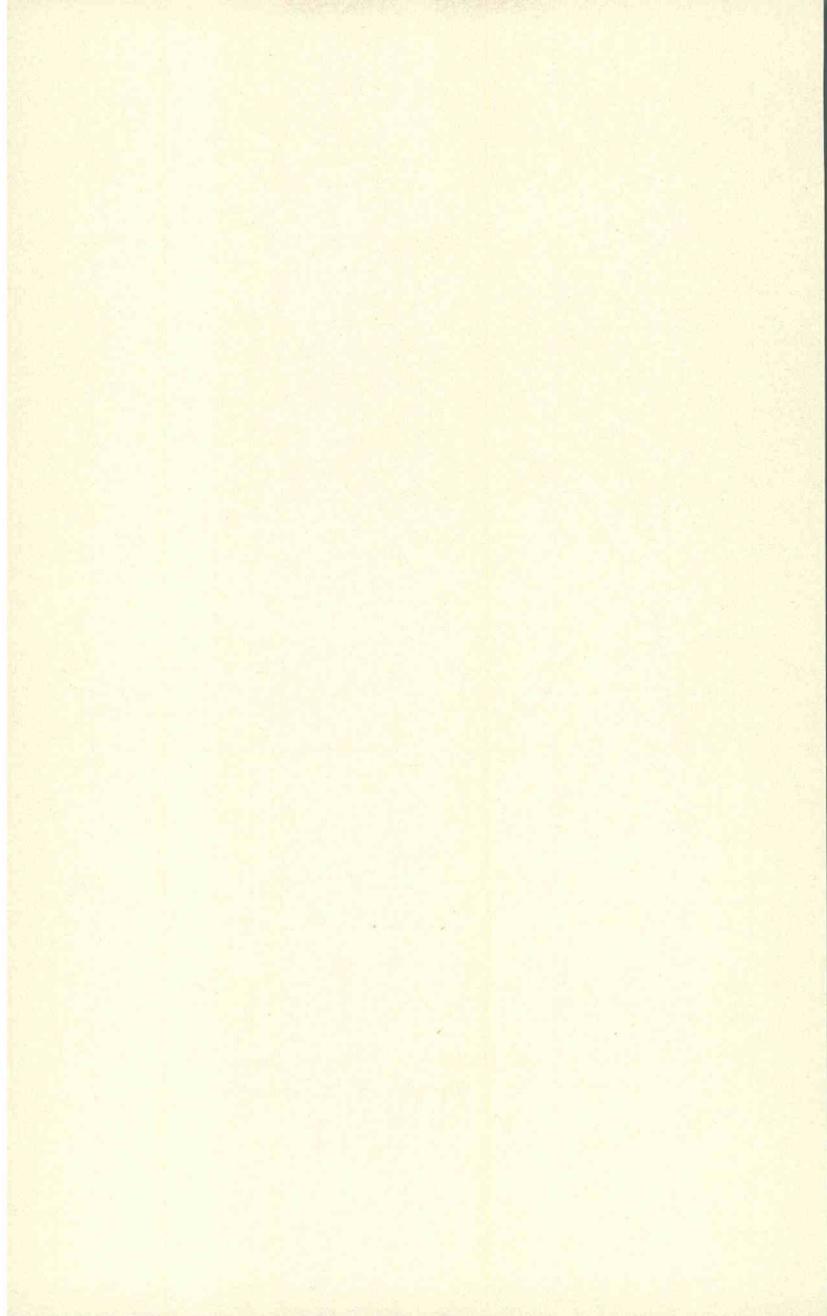
Silêncio branco, 48

Fragmentação cósmica, 50

Arco-íris fantasma, 52  
Prisão do eu, 54  
Homem oco, 55  
Minha lenda, 56  
Cantiga para um futuro, 58  
Sonho antigo, 60  
Mulher, sempre..., 62  
Serena Maria, 64

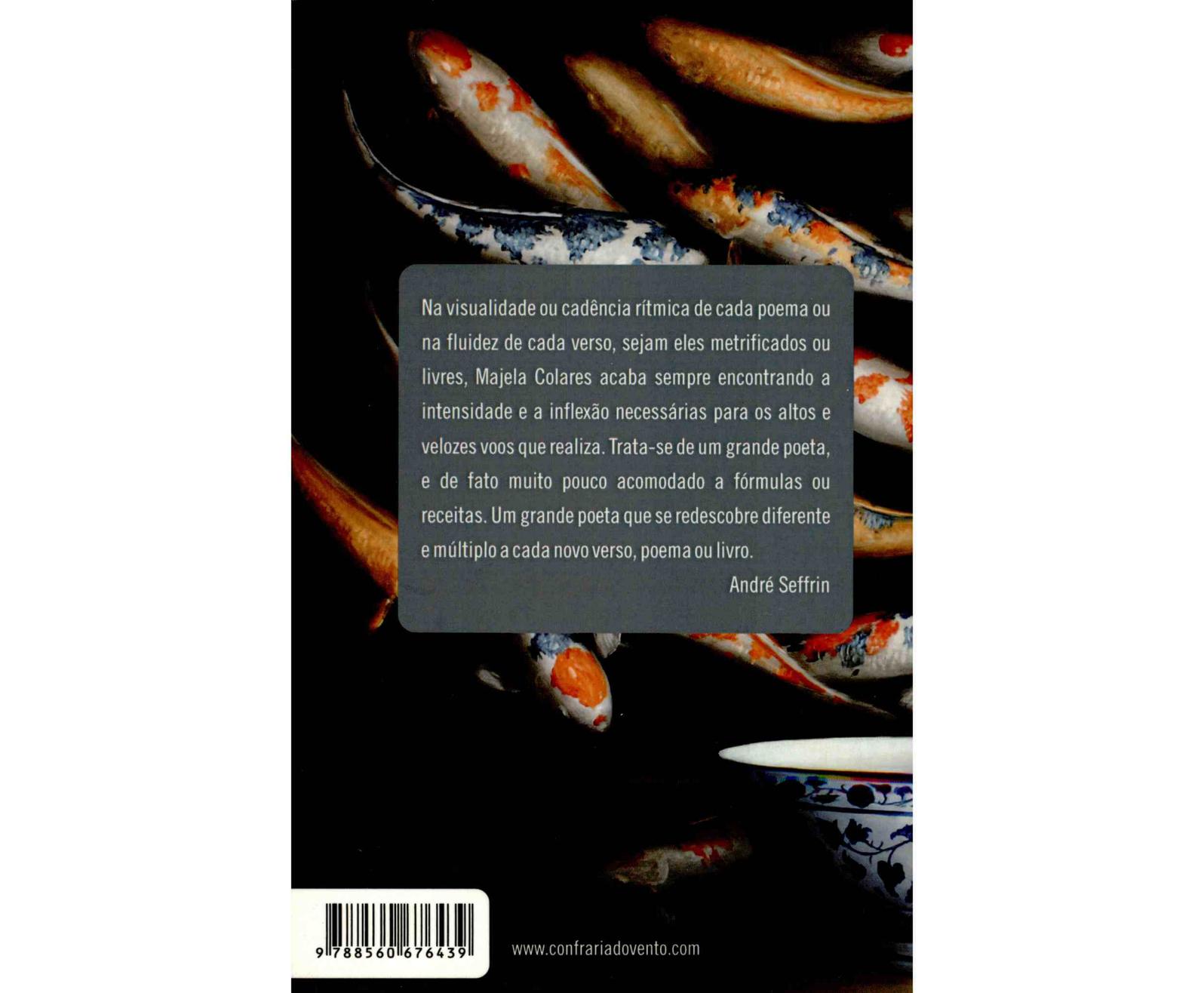
LEITURA DE CINCO TELAS DE  
VICENTE DO REGO MONTEIRO

Força rude, 71  
Cheiro de engenho, 72  
Pera, uva, banana, 73  
Devaneio sagrado, 74  
Amor natural, 75



Este livro foi composto em Garamond corpo 12  
e impresso sobre papel pólen bold 90g/m<sup>2</sup>  
pela gráfica Stamppa  
para a Confraria do Vento, em abril de 2012.

MAJELA COLARES nasceu em Limoeiro do Norte, Ceará, em 1964. Publicou os livros de poesia *Confissão de dívida* (1993), *Outono de pedra* (1994), *O soldador de palavras* (1997), *A linha extrema* (1999), *Confissão de dívida e outros poemas* (2001), *O silêncio no aquário / Die Stille im Aquárium* (bilingue, português/alemão, 2004), *Quadrante lunar* (2005), *As cores do tempo* (2007, 2009) e o livro de contos *O fantasma de Samoa* (2005). Tem poemas publicados em antologias editadas no Brasil e no exterior. Reside em Recife desde 1992.



Na visualidade ou cadência rítmica de cada poema ou na fluidez de cada verso, sejam eles metrificados ou livres, Majela Colares acaba sempre encontrando a intensidade e a inflexão necessárias para os altos e velozes voos que realiza. Trata-se de um grande poeta, e de fato muito pouco acomodado a fórmulas ou receitas. Um grande poeta que se redescobre diferente e múltiplo a cada novo verso, poema ou livro.

André Seffrin



[www.confrariadovento.com](http://www.confrariadovento.com)